

DISCURSO PUC PARANÁ

Ives Gandra da Silva Martins*

Honra-me sobremaneira o título que recebo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que, na área acadêmica, representa a maior distinção outorgada a professores universitários.

Constituindo a PUC do Paraná uma das mais importantes Instituições do país, o título ganha em relevância, assim como a responsabilidade em recebê-lo.

Carlos Ayres Britto, ministro da Suprema Corte, em solenidade em que recebíamos o Colar do Mérito do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro, escolhido para falar em nome dos homenageados, dizia não saber como agradecer a honraria. Se dissesse merecer recebê-la, certamente o chamariam de presunçoso. E se afirmasse dela não ser merecedor, estaria desqualificando a instituição outorgante.

Citou, então, um episódio que confesso não ter lido na obra de Platão e nos diversos autores que escreveram sobre Sócrates.

O episódio é o seguinte: certo dia, um discípulo de Sócrates, que tinha problemas sérios de convivência com a sua mulher Xantipa, perguntou ao filósofo: “Mestre, estou em sérias dúvidas e gostaria que o senhor me auxiliasse a resolvê-las. Devo ou não devo casar-me?” Ao que Sócrates lhe respondeu: “Filho, decida o que decidir, você vai se arrepender”.

Assim me encontro, nesta solenidade, comovido, de um lado, e preocupado de outro, pela responsabilidade que é ostentar o título de “doutor honoris causa” da PUC paranaense.

A importância da instituição no cenário nacional é incontestável. Com a sólida formação moral que os irmãos maristas têm propagado pelo país, a PUC do Paraná faz lembrar o início das Universidades no mundo, fruto maior da Igreja Católica Apostólica Romana. Não se tem com precisão as datas do surgimento das Universidades de Paris, Bolonha, Oxford e Cambridge, mas, como acentua Thomas E. Woods Jr. no livro “Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental” (Ed. Quadrante, 2008), seus primórdios estão nas escolas das Catedrais e nas reuniões informais de professores e alunos. É interessante que, à época, nenhuma Universidade fundada sob a égide da Igreja Católica, podia conceder diploma sem autorização papal. Inocêncio IV, em 1254, outorgou a permissão a Oxford. Em documento do Papa Gregório IX para a Universidade de Toulouse, em 1233, foi outorgado ao mestre o direito de lecionar em qualquer parte do mundo, na sua

* Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal-1a. Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e da PUC-Paraná, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO - SP; Fundador e Presidente Honorário do Centro de Extensão Universitária-CEU/Instituto Internacional de Ciências Sociais-IICS.

função de “jus ubique docendi”. O Papa Honório III, em 1220, na Universidade de Bolonha, condenou violações às liberdades dos estudantes e, em 1231, o Papa Gregório IX lançou a Bula “Parens Scientiarum”, a favor dos mestres de Paris. Todos aqueles que, com a superficialidade própria da análise dos acontecimentos pretéritos pelos formadores de opinião da atualidade, consideram a Idade Média como uma idade das trevas, desconhecem o fantástico trabalho que a Igreja Católica exerceu na preservação da cultura clássica e na definição de uma civilização de princípios, que é aquela que continua a dar sustentação aos valores do Século XXI. Assim é que, nos tempos da Reforma, havia 81 Universidades, das quais 33 pontifícias, quinze reais ou imperiais, vinte, simultaneamente, reais e pontifícias e apenas 15 sem credenciais.

A Universidade, maior dádiva à cultura universal em todos os tempos, é fruto exclusivo da Igreja Católica. A esmagadora maioria das Universidades Medievais foi criada pela Igreja, que fundou a primeira delas.

O Padre Robert de Sorbon, que deu o nome à Universidade de Paris, costumava reunir intelectuais, jovens e sacerdotes da época (1257), com o propósito de sistematizar o estudo superior na França, conformando-o cientificamente de modo a torná-lo aplicável à vida cotidiana, algumas décadas após a fundação da escola parisiense.

É interessante notar que a filosofia dos Séculos XII e XIII, na Europa, é fundamentalmente uma filosofia cristã, sem esquecer que, à época, havia também um crescimento do pensamento filosófico entre os árabes, com filósofos do porte de Avicena, Averroes etc.

A cultura clássica, que tanto árabes como cristãos preservaram no período, ganhou relevo à luz do cristianismo, visto que os clássicos gregos foram absorvidos, remeditados e serviram de base para toda a escolástica e a produção fantástica de Tomás de Aquino, Abelardo, Bernardo de Claraval e muitos outros.

O próprio patrono dos advogados, Yves de Tréguier formou-se em Direito cursando duas Faculdades e tornou-se, ao mesmo tempo, sacerdote, advogado e juiz, com sólida formação em direito e filosofia (1250-1303).

Aliás, a profunda e notável ignorância daqueles que condenam a civilização cristã, preservada pela Igreja Católica, mal sabem que, em todos os ramos do conhecimento, a sua presença foi marcante. Lembro, apenas para citar algumas, as figuras do Cônego Copérnico, que desvendou o sistema heliocêntrico em oposição a Ptolomeu; de Galileu Galilei, que morreu na fé católica e que teve os seus estudos publicados pela Igreja, sem censura, enquanto conformava as teses de Copérnico como possíveis, sendo censurado apenas quando afirmou, sem a segurança dos astrônomos de hoje, que o heliocentrismo era algo comprovado. Enquanto hipótese, publicou os seus artigos e estudos sem contestação.

Antes de Newton, o Padre Jean Buridan (1295-1358) examinou a teoria da inércia e do movimento dos corpos celestes, lançando as bases para a evolução do pensamento do cientista inglês.

Não se pode esquecer o papel da Escola de Chartres, de sacerdotes, que influenciou todo o conhecimento científico de então, formatando as pesquisas futuras.

E assim até aos tempos mais próximos de nós, a grande maioria dos cientistas era católica.

Penso que vale a pena lembrar um episódio que ocorreu com Pasteur. Um estudante entrou num trem e, vendo um senhor rezando o terço, disse-lhe que deveria deixar de acreditar “nessas velharias”. Que fosse como ele, estudante da Universidade de Paris, visto que a ciência moderna já não precisava dessas ficções religiosas. E perguntou se já ouvira falar na ciência moderna. Com muita simplicidade, Pasteur disse-lhe que sim. Quando o estudante lhe perguntou como se chamava, ouviu dele: Louis Pasteur. O jovem pediu desculpas e, respeitando a oração do grande cientista, ficou calado até o fim da viagem.

Nicola Steno, sacerdote convertido do luteranismo, estabeleceu a maior parte dos princípios da geologia moderna (1638-1686). Roberto Grosseteste, chanceler de Oxford, Roger Bacon, Santo Alberto Magno foram cientistas de renome mundial.

Charles Bossut, historiador e matemático, ao compilar a relação dos matemáticos mais ilustres de 900 a.C. até 1800 d.C., encontrou 16 jesuítas entre os 303 maiores matemáticos da história.

Giambattista Riccioli (1598-1671) foi o primeiro a determinar a taxa de aceleração de um corpo em queda livre. O Padre Mendel foi o pai da genética moderna. O Padre Grimaldi (1618-1663) foi o primeiro a medir as dunas lunares. O Padre Rogério Boscovich foi o primeiro a determinar um método geométrico para calcular as órbitas dos planetas. O Padre Kuchen (1602-1680), humanista, foi quem desmascarou a alquimia, em que até Newton e Boyle chegaram a acreditar.

E paro por aqui. Poderíamos ficar até a madrugada falando sobre o modo como a Igreja construiu a civilização moderna.

Teço estas considerações, porque a verdade deve ser dita, principalmente em face dos que, por desconhecê-la, a atacam, ainda sob o forte impulso dos preconceitos com que os espadachins da mediocridade examinam a história.

É interessante notar que a relativização da verdade - aquela que o ceticismo covarde de Pilatos colocou como uma interrogação -, faz com que os que não querem aproximar-se da realidade das coisas, embora criem um pequeno e mesquinho universo de críticas e de dogmas precipitados, reconhecem, todavia, que vivemos o apogeu da civilização, graças à valorização dos direitos humanos. Quase todos desconhecem que a declaração universal dos direitos humanos é uma declaração de direitos reconhecidos, relatada por um jusnaturalista tomista. Segundo dizia, não era pelo fato de, no começo dos tempos, determinados comportamentos e direitos se terem revelado bons e terem sido seguidos pela humanidade, que se deve concluir terem sido fruto da evolução histórica. O jusnaturalismo não é uma solução axiológica-historicista da civilização, mas sim o

reconhecimento de que há determinados direitos, como são os consagrados na famosa Declaração de 10/12/1948, que nascem com os homens, que lhes são insitos e inerentes, cabendo ao Estado apenas reconhecê-los, e não criá-los.

René Cassin —mestre dos mestres e não um positivista- formalista— foi o relator da Declaração Universal dos Direitos Humanos que conforma o direito até hoje e orienta a elaboração constitucional, na esmagadora maioria das nações civilizadas.

Faço estas considerações ao receber este honroso título da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, fundada pelos Irmãos Maristas, cujo trabalho cultural, social e religioso tem contribuído de forma estupenda para a formação do povo brasileiro e para a dimensão que o País começa a ganhar, no cenário internacional.

Personagem de Dostoevsky dizia que, se Deus não existisse, tudo seria permitido. A solidariedade perderia sentido e aproveitar ao máximo o que a vida oferecesse, mesmo à custa da felicidade alheia, estaria plenamente justificado, nessa curta passagem pela terra (Irmãos Karamazov).

É interessante notar que mesmo os agnósticos, os ateus, os que não acreditam em Deus vivem a dificuldade de não conseguirem provar a sua inexistência, como reconhece Arnold Toynbee, no livro “A humanidade e a mãe Terra”.

Li, recentemente, livro de um jornalista especializado em ciências espaciais, Fred Heeren, prefaciado por um Premio Nobel de Física (George Smoot). O autor mostra ser incomensuravelmente mais fácil demonstrar a existência de Deus, do que negá-la. Àqueles que negam a falta de escrita divina, ele mostra que não há assinatura mais perfeita do que o DNA. Jamais seria possível a sua criação por mero acaso. Basta lembrar que, há mais de dez bilhões de anos, talvez 13, talvez 15, o Universo se mantém numa expansão equilibrada, em função de uma compreensão a uma densidade equivalente a 10^{92} , quando o Universo tinha 10^{-43} segundos de idade, ou seja, o número 1 precedido de 42 zeros! Como descreve George Smoot no citado livro, Stephen Hawking, na “Breve história do tempo”, lembra que, se a taxa de expansão no primeiro segundo de existência do Universo tivesse sido de uma parte de cem mil trilhões, já teria colapsado. E se fosse maior, jamais as galáxias teriam sido formadas. Em outras palavras, fosse menor ou maior a taxa de expansão na primeira ínfima parcela do primeiro segundo de vida do Universo ou ele teria colapsado ou sua expansão seria de tal natureza que os corpos sidéreos jamais se formariam, por falta de densidade. Nitidamente isto não é obra do acaso.

Cabe também notar que, em recente reportagem científica, a Folha de S.Paulo, à luz de estudos de Universidades americanas, chegaram seus pesquisadores à conclusão de que se colocássemos todo o conhecimento humano, informações e dados em CDs comuns, e os empilhássemos, a altura dos CDs iria da Terra à Lua. E tais informações correspondem a apenas 1% daquelas existentes no DNA!!!!

A própria ordem de criação do Universo desde o “Fiat Lux” - ou para os cientistas, que chegaram com alguns milênios de atraso ao “Big Bang” -, até o presente, relatada de forma metafórica na Bíblia, corresponde, rigorosamente, à ordem de criação revelada pela ciência atual, uma demonstração de que dificilmente o caos, o acaso, a desordem, poderiam ter criado algo tão ordenado em todos os seus aspectos.

A própria Terra, se estivesse mais perto de Venus ou mais perto de Marte, não teria condições de sustentar a sua auto-regulação térmica e as condições para a vida humana como conhecemos.

É de se lembrar que a configuração dos diversos sistemas estelares, nas dezenas de bilhões de Galáxias existentes no Universo, em que os planetas gasosos cercam a estrela central e os planetas mais densos formam um anel externo, frio e isolado, contrasta com a realidade do sistema solar, em que os planetas gasosos é que formam um cinturão de proteção dos planetas internos, possibilitando a criação de vida na Terra e permite-nos estar aqui e agora, raciocinando e refletindo sobre a beleza do Universo e daquilo que o cerca.

Todas estas considerações eu as faço nesta oportunidade, por estar em uma Universidade católica, que honra a tradição dos primeiros cultores da educação superior, conformando suas lições com o mesmo espírito daqueles primeiros sacerdotes, que fundaram as primeiras Universidades no mundo.

Lembro, inclusive, o discurso de Bento XVI sobre o sentido da Universidade no Congresso Mundial das Universidades Católicas em Ávila, no dia 19 de Agosto de 2011, em que declara:

“Saúdo também com particular afecto quantos participaram nestes dias no Congresso Mundial das Universidades Católicas, em Ávila, sob o lema: «Identidade e missão da Universidade Católica».

Encontrar-me aqui no vosso meio faz-me recordar os meus primeiros passos como professor na Universidade de Bonn. Quando ainda se sentiam as feridas da guerra e eram muitas as carências materiais, a tudo supria o encanto de uma actividade apaixonante, o trato com colegas das diversas disciplinas e o desejo de dar resposta às inquietações últimas e fundamentais dos alunos. Esta ‘universitas’, que então vivi, de professores e estudantes que procuram, juntos, a verdade em todos os saberes ou – como diria Afonso X, o Sábio – esse «ajuntamento de mestres e escolares com vontade e capacidade para aprender os saberes» (Sete Partidas, partida II, título XXXI), clarifica o sentido e mesmo a definição da Universidade”

continuando:

Com efeito, a universidade foi, e deve continuar sendo, a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana. Por isso, não é uma casualidade que tenha sido precisamente a Igreja quem promoveu a instituição universitária; é que a fé cristã nos fala de Cristo como

o Logos por Quem tudo foi feito (cf. Jo1, 3) e do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Esta boa nova divisa uma racionalidade em toda a criação e contempla o homem como uma criatura que compartilha e pode chegar a reconhecer esta racionalidade. Deste modo, a universidade encarna um ideal que não deve ser desvirtuado por ideologias fechadas ao diálogo racional, nem por servilismos a um lógica utilitarista de simples mercado, que olha para o homem como mero consumidor.

Aqui está a vossa importante e vital missão. Sois vós que tendes a honra e a responsabilidade de transmitir este ideal universitário: um ideal que recebestes dos vossos mais velhos, muitos deles humildes seguidores do Evangelho e que, como tais, se converteram em gigantes do espírito”,

e acrescentando..

“Por isso, encarecidamente vos exorto a não perderdes jamais tal sensibilidade e encanto pela verdade, a não esquecerdes que o ensino não é uma simples transmissão de conteúdos, mas uma formação de jovens a quem deveis compreender e amar, em quem deveis suscitar aquela sede de verdade que possuem no mais fundo de si mesmos e aquele anseio de superação. Sede para eles estímulo e fortaleza”.

Ora, esta missão admirável tem sido exercida pelos maristas nos diversos continentes, desde a sua fundação, que só não relembro neste discurso, conhecendo o trabalho realizado, em face de ficar meu elogio muito abaixo do que merecem. Só posso dizer que o mundo e o Brasil muito devem ao trabalho da instituição de irmãos e de sacerdotes, por ter contribuído para a difusão do amor, da paz, da cultura e da solidariedade no Brasil e em todos os cantos do planeta.

E faço-o, profundamente comovido. Aos que nasceram para ensinar, como eu -não obstante minhas muitas limitações- nada sensibiliza mais que o título de professor.

Lembro-me de velho, querido e saudoso mestre, talvez o maior filósofo e jurista do Brasil no século passado. Refiro-me a Miguel Reale. Quando atendia o telefone, dizia: “Aqui fala o Professor Reale”. Era o título de que mais se orgulhava. Professor de gerações.

Ao encerrar estas breves palavras de agradecimento à PUC do Paraná, instituição que honra, desde a sua fundação, a educação no Brasil, com seus milhares de alunos e estupendo corpo docente, formando gerações que formatarão o Brasil de amanhã, não poderia deixar –velho vício de professor-, não mais aos meus alunos de direito, a quem dediquei o meu “Decálogo do Advogado”, na década de 80, mas aos alunos e professores de todos os tempos, que vivem do trabalho ordinário, de oferecer um pequeno decálogo, que passo a ler:

DECÁLOGO DO TRABALHO ORDINÁRIO

1. *Fazer, com rapidez, o que se pede e com máximo de pontualidade.*
2. *Começar sempre pelo mais difícil.*
3. *Não se aborrecer com os defeitos dos outros.*
4. *Aborrecer-se com os próprios defeitos.*
5. *Não ficar infeliz com a felicidade dos outros.*
6. *Cuidar apenas do que lhe diz respeito.*
7. *Não perder tempo com ressentimentos, suposições ou imaginações.*
8. *Não esperar que os outros ajam rigorosamente como gostaria que agissem.*
9. *Ver sempre o lado positivo das coisas.*
10. *Pouco se importar com a opinião alheia, a não ser que objetive auxiliar a quem se dirige”.*

O Concílio Vaticano II ofertou ao leigo um papel mais relevante na definição dos princípios que regem a vida de um cristão ou de um cidadão, na sua passagem pela terra, ao aprovar o Esquema 13, ou seja a “Gaudium et Spes”. Os Irmãos Maristas, desde a fundação de sua instituição, também têm demonstrado o que é a dedicação ao próximo, com trabalhos de todas as espécies no campo social, educacional e cultural, sempre alicerçados nas lições do Senhor Deus do Universo. São JoséMaria Escrivá, fundador do Opus Dei e da Universidade de Navarra, teve palavras de elogio ao trabalho das Universidades católicas. Ao conferir o título de Doutores Honoris Causa a três eminentes professores universitários da Europa, frisou não haver incompatibilidade entre a Ciência e a Fé, antes pelo contrário. Eis as suas palavras:

“Soy sacerdote de Jesucristo y contemplo con alegría los avances grandiosos de la sabiduría humana. El Señor otorgó al hombre, como prueba de su amor de predilección, el privilegio de ese chispazo de la inteligencia divina que es el entendimiento. Y es una maravilla comprobar cómo Dios ayuda a la inteligencia humana en esas investigaciones que necesariamente tienen que llevar a Dios, porque contribuyen —si son verdaderamente científicas— a acercarnos al Creador.

Las ciencias humanas, desarrolladas con principios y métodos propios, valoradas con el contraste de la Revelación sobrenatural, contribuyen a resolver de modo adecuado los problemas humanos, espirituales y temporales, de todo tiempo y lugar.

La Universidad no vive de espaldas a ninguna incertidumbre, a ninguna inquietud, a ninguna necesidad de los hombres. No es misión suya ofrecer soluciones inmediatas. Pero, al estudiar con profundidad científica los problemas, remueve también los corazones, espolea la pasividad, despierta fuerzas que dormitan, y forma ciudadanos dispuestos a construir una sociedad más justa. Contribuye así con su labor universal a quitar barreras que dificultan el entendimiento mutuo de los hombres, a aligerar el miedo ante un futuro incierto, a promover —con el amor a la verdad, a la justicia y a la libertad— la paz verdadera y la concordia de los espíritus y de las naciones”.

Gostaria, ao encerrar estas breves palavras, comovido pela láurea e homenagem recebida, de deixar nesta noite, aos jovens aqui presentes uma modesta reflexão.

Todos temos uma missão no mundo. Podemos, como na parábola dos talentos, exercê-la bem, multiplicando os dons recebidos ou enterrá-los, nada fazendo.

Não somos muitos com títulos universitários no país. Se comparado o Brasil às nações européias, há uma carência grande de pessoas tituladas.

Ora, se temos o privilégio de estar entre aqueles que cursaram universidades e chegaram à titulação acadêmica, nossa responsabilidade com os outros, família, amigos, colegas e pais é muito maior.

Temos, pois, que responder com ações ao privilégio recebido de estar entre os de formação acadêmica. E só saberemos responder ao chamado do próximo e da pátria, se conseguirmos viver os valores, que se cultivam na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, valores estes alicerçados na figura do Senhor Deus do Universo, Homem e Deus, que serve de inspiração àqueles que dirigem a instituição, onde destaco em especial a figura do Magnífico Reitor Professor Clemente Ivo Juliatto, cuja sólida obra educacional serve de inspiração a todos nós.

Comovido e honrado, agradeço esta fantástica honraria que coloca seriamente em risco meu velho e combalido coração de professor universitário.

Muito obrigado!